

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Os Filmes de Ernie Gehr – Programa 5

27 de Maio de 2022

STILL / 1971

um filme de ERNIE GEHR

Realização, Imagem, Som, Montagem, Produção: Ernie Gehr / Cópia: do MoMA, em 35mm (original em 16mm), cor, sem som e som / Duração 54 minutos / Cópia preservada pelo The Museum of Modern Art com o apoio de Celeste Bartos Fund for Film Preservation / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Dada a necessidade de Ernie Gehr abandonar Lisboa mais cedo, haverá uma troca na programação. Ao contrário do anunciado, hoje às 19h30 projetaremos **Still** seguido de uma breve conversa (Programa 5). Sábado, dia 28, mostraremos às 19h00 **Essex Street Quartet** (Programa 4), já sem a presença de Ernie Gehr. Ambas as sessões terão lugar na Sala M. Félix Ribeiro. Deixamos assim algumas notas sobre **Still**.

* Projecção seguida de conversa com Ernie Gehr

Em **Still** Gehr detém-se sobre uma vista de uma rua nova-iorquina, que transforma através de complexas sobreposições para interligar presente e memórias do passado em mais uma observação sobre uma realidade urbana. Se o cinema de Gehr está referencialmente longe de uma ideia de “sublime natural” – a exceção será talvez **Field** (1970) e algumas obras mais recentes – foi com este rebuscado conceito que P. Adams Sitney, que há vários anos esteve na Cinemateca por ocasião de duas conferências relacionadas com a obra de Stan Brakhage e que muito aprecia este filme, o descreveu: “Curiosamente, o sublime natural volta ao cinema por associação. A agitação das linhas e as torres de sombras sugerem águas em cascata, montanhas e florestas de pinheiros”. Uma descrição que aponta para a profunda coerência da obra de Ernie Gehr, cineasta que associa o movimento do mundo ao movimento essencial do próprio cinema, da sua matéria, da sucessão dos seus fotogramas, mas também à sua imobilidade de base, a que se pode referir o título “still”.

Still está também aparentemente afastado das obras de Gehr mais visivelmente conotadas com o dito “cinema estrutural”, termo muito aplicado na altura em que foi realizado, forjado pelo mesmo P. Adams Sitney, pois **Still** é por exemplo contemporâneo de **Serene Velocity** (1970). O carácter observacional e distendido dos seus longos planos fixos confundiu vários dos críticos que o viram nascer. Mas não se tratava de um modo mais transparente de olhar para o “real” sem mediação, mas de um filme com uma estrutura bem definida, com um conjunto de longos planos fixos sobre a mesmo lugar, aos quais se sobrepõem vários outros. **Still** assenta numa acumulação de camadas de imagem e de sons (o primeiro plano ainda é mudo), que nos revelam uma rua repleta de fantasmas, num

jogo entre transparência e opacidade que desaparece no final, quando os fantasmas dos transeuntes assumem a carne e osso, e os carros o seu metal.

E como escreveu Richard Foreman na revista *Film Culture* em 1976, “a profundidade [de **Still**] vem da profundidade secreta do próprio mundo que Gehr, como um artesão, tem o bom senso, a coragem e a pureza de espírito, para deixar manifestar, debaixo da sua estrutura habilmente desenhada”. Na sua inescapável beleza, **Still** apresenta um mistério que é difícil descortinar. O que parece, à primeira vista, corresponder à sobreposição de um reflexo num vidro com uma imagem do exterior, depressa revela não o ser. E se Gehr aludiu a tal mistério numa entrevista a Scott MacDonald ao revelar-lhe o segredo da sua câmara Bolex, parte do mistério do filme ficará sempre por explicar.

Joana Ascensão